

(In)conformismo cultural: uma leitura da protagonista Hema, na segunda parte do livro *Terra Descansada*, de Jhumpa Lahiri¹

Cultural (in)conformism: a reading of the protagonist Hema, in the second part from the book “Unaccustomed Earth”, by Jhumpa Lahiri

Francisco Edinaldo de Pontes

Mestrando em Literatura e Interculturalidade (MLI/PPGLI/UEPB), Campus I, Campina Grande – PB. É integrante do Grupo Interdisciplinar de Estudos Literários Lusófonos (GIELLus/DGP/CNPq).

E-mail: edinaldopontesacademico@gmail.com

José Vilian Mangueira

Doutor em Letras e Professor Efetivo de Literatura Anglo-americana do Departamento de Letras (DL/CH), da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Campus III, Guarabira – PB.

E-mail: vilian_mangueira@yahoo.com

Resumo: Nesse artigo, buscamos mostrar as relações familiares criadas pela personagem Hema, na segunda parte do livro *Terra Descansada* (2009), de Jhumpa Lahiri, levando em conta a sua construção identitária, além da ideia de pertencimento presente nas narrativas. O presente estudo tem como foco principal fazer uma leitura dessa protagonista na perspectiva da identidade cultural na pós-modernidade, – sob a luz dos Estudos Culturais e dos Estudos Pós-coloniais – apontando como a personagem feminina mostra uma conformidade cultural ao final das três narrativas. Ademais, o estudo justifica-se pela necessidade de investigar o modo como o choque cultural colabora para a desconstrução/construção, configuração/reconfiguração da personalidade desse ser fictício; além disso, nós investigamos a crise e a fragmentação de sua identidade enfrentadas por ela no decorrer do seu processo de adaptação e ajustamento ao contexto social, histórico e cultural que lhe é imposto. Metodologicamente, partiu-se de uma pesquisa bibliográfica, de cunho qualitativo, exploratório e investigativo, utilizando-se do método dedutivo, através de uma análise estrutural da narrativa. Como fundamentação teórica, contamos com as concepções de BONNICI (2009); CEVASCO (2009); CUSTÓDIO (2013); GÁMEZ-FERNÁNDEZ (2016); HALL (2006); LING (2014); e, RAHMAN (2017). Em conclusão, vemos que, além de Hema apresentar uma identidade híbrida, ela também mantém um equilíbrio entre a cultura norte-americana e a cultura dos seus pais. Em suma, a protagonista parece conseguir ajustar-se a ambas as

¹ O referido artigo é fruto do Projeto de Pesquisa intitulado *Laços de Família: relações familiares e de pertencimento nos três contos de “Parte II – Hema e Kaushik”, de Terra Descansada, de Jhumpa Lahiri*. Financiado pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq), durante os períodos letivos de 2018.2 a 2019.1, na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Campus III, Guarabira – PB. Projeto de Pesquisa (Iniciação Científica), direcionado a obras literárias de cunho Pós-colonialista, que compõem a Literatura Anglo-americana Contemporânea, com ênfase nos Estudos Culturais e nos Estudos Pós-coloniais. Sob orientação do Professor Doutor José Vilian Mangueira.

culturas, apresentando uma conformidade cultural como uma forma de conciliação entre os costumes do Oriente e os do Ocidente.

Palavras-chave: Estudos culturais. Crítica pós-colonial. Relações familiares. Pertencimento. Conformidade cultural.

Abstract: In this paper, we aim to show the family relationships created by Hema, in the second part from the book *Unaccustomed Earth* (2009), by Jhumpa Lahiri, taking in consideration her identity construction, besides the idea of belonging presented in the narratives. Based on that, the present study focuses on the reading of this protagonist considering the cultural identity in the post-modernity perspective, – in the light of the Cultural Studies and the Post-colonial Studies – pointing out how the female character shows a cultural conformity in the end of the three narratives. Moreover, the study is justified by the necessity to investigate the way how the cultural-shock collaborates to the deconstruction/construction, configuration/reconfiguration of the this fictional character; besides that, we aim to investigate the crises and the fragmentation of her identity faced by herself in the curse of the process of adaptation and adjustment to the social, historical, and cultural context imposed to her. Methodologically, the article started as a bibliographical research, of qualitative, exploratory, and investigative slant, using a deductive method, through a structural analysis of the narrative. As theory, we counted with the conceptions by BONNICI (2009); CEVASCO (2009); CUSTÓDIO (2013); GÁMEZ-FERNANDEZ (2016); HALL (2006); LING (2014); and RAHMAN (2017). In conclusion, we point out that, besides Hema presents a hybrid identity, she also keeps a balance between the North-american and her parents' cultures. In summary, the protagonist seems to adjust herself to both cultures, presenting a cultural conformity as a way of conciliation between the customs from the East and those from the West.

Keywords: Cultural studies. Post-colonial criticism. Family relationships. Belonging. Cultural conformity.

1 Considerações iniciais

Nilanjana Sudeshna Lahiri, mais conhecida como Jhumpa Lahiri, nasceu em Londres, Inglaterra, no dia 11 de julho de 1967, e mudou-se para Kingston, Rhode Island, nos Estados Unidos da América, aos dois anos de idade. Os pais dela eram imigrantes bengaleses que tentaram criar a sua filha ensinando-a a preservar as suas raízes em uma pátria onde os costumes são totalmente diferentes dos seus². O pai de Nilanjana, Amar Lahiri, trabalhava como bibliotecário na Universidade de Rhode Island. Assim, com o incentivo de seu pai, Jhumpa apaixonou-se pela literatura e passou a expressar, através dela, as suas experiências e a de muitos imigrantes da primeira e da segunda geração de bengaleses, que saíram em busca de um solo para fincar as suas raízes, à procura de uma “terra descansada”.

Lahiri terminou o colegial na South Kingstown High School e graduou-se em Literatura Inglesa no Barnard College, em 1989. Além disso, ela fez Mestrado em Inglês, MFA em Escrita Criativa, Mestrado em Literatura Comparada, e, em seguida, obteve um diploma de PhD em Estudos da Renascença, todos na Universidade de

² Para mais informações: Cf. EDITORS, Biography. Jhumpa Lahiri Biography. In: *Biography.com Editors. The Biography.com website*, 2014. Disponível em: <https://www.biography.com/writer/jhumpa-lahiri>. Acesso em: 09 out. 2018.

Boston, onde ela também ensinou Escrita Criativa (BUSTAMANTE; RAMOS, 2015)³. O seu primeiro livro, intitulado *Intérprete de Males (Interpreter of Maladies)*, publicado em 1999, ganhou o prêmio Pulitzer de melhor livro de ficção em 2000. A sua segunda obra nomeada *O Xará (The Namesake)*, publicado em 2003, ganhou adaptação para o cinema em 2007 como *Nome de Família*, pela cineasta e crítica literária indiana Mira Nair. Em 2013, Lahiri lança o seu romance *Aguapés (The Lowland)*, que se tornou finalista do *National Book Award* e foi finalista do Prêmio *Man Booker*.

O livro de contos *Terra Descansada* é composto por oito contos, dividido em duas partes. Com o título original de *Unaccustomed Earth* lançado em 2008, o presente livro foi publicado em 2009 no Brasil, pela Companhia das Letras, com tradução de Fernanda Abreu. A primeira parte é composta por cinco contos intitulados: “Terra descansada”, “Inferno-Céu”, “Opções de acomodação”, “Só bondade” e “Da conta de ninguém”. A segunda parte, intitulada “Hema e Kaushik”, é formada por “Uma vez na vida”, “Fim de ano” e “Em terra”. Vale ressaltar que os contos da primeira parte não têm ligação direta com os contos da segunda, a não ser pela temática da presença de personagens indianos. Já os da segunda parte, eles possuem ligação entre si. Prova disso é que só conseguimos interpretar melhor todos eles se forem lidos em ordem cronológica⁴.

O primeiro dos três contos dessa segunda parte, intitulado “Uma vez na vida”, é narrado em primeira pessoa pela protagonista Hema, quando a personagem está relatando lembranças de sua infância para Kaushik. A história se passa na cidade de Boston, Massachussetts, entre 1974 e 1981. Nessa narrativa, a personagem fala sobre acontecimentos marcantes de sua infância, como o seu cotidiano em uma cultura diferente da dos seus pais; a sua relação com Kaushik; os laços afetivos de ambos os personagens com os seus pais; as questões de pertencimento; e a doença de Parul Di. No entanto, o foco principal desta narrativa é a volta da família de Kaushik da Índia após sete anos longe dos Estados Unidos.

A segunda narrativa, nomeada “Fim de ano”, é narrada em primeira pessoa pelo protagonista Kaushik. O enredo se passa no Natal e no Ano Novo, quando Kaushik volta da Faculdade para passar esses momentos festivos com o seu pai, a sua madrasta e as irmãs postças. Ele conta como ele lida com a nova constituição familiar;

³ Para mais informações: Cf. BUSTAMANTE, Sofia. RAMOS, Carlos. Biografia de Jhumpa Lahiri (1967). In: *Blog Biografias*. / Sofia Bustamante e Carlos Ramos, 2015. Disponível em: <http://eltriumfodearciniegas.blogspot.com/2015/12/jhumpa-lahiri.html>. Acesso em: 13 ago. 2018.

⁴ Assim, ao analisarmos a estrutura das três narrativas, percebemos uma certa linearidade no que diz respeito ao tempo cronológico e transformações dos personagens: quando no primeiro conto eles ainda são crianças; no segundo eles já estão entre a juventude e a fase adulta; e na terceira narrativa, ambos já são adultos e decididos sobre qual caminho seguir. Ou seja, através de uma análise estrutural das narrativas, conseguimos identificar uma evolução na configuração e personalidade dos protagonistas, que podemos comparar com as características semelhantes aos do famoso *Bildungsroman* (Romance de Formação) – uma vez que em crítica literária, designa o tipo de romance em que é exposto, de forma pormenorizada, o processo de desenvolvimento físico, moral, psicológico, estético, social ou político de um personagem, geralmente desde a sua infância ou adolescência até um estado de maior maturidade (Cf. CASTILHO, 2016, p. 16), como acontece com os personagens estudados na nossa pesquisa.

com sua constante melancolia, ocasionada pela perda da mãe; apresenta a sua relação com o seu pai, Dr. Choudhuri e expõe o modo como se afasta de todos.

A terceira história possui dois narradores: um em terceira pessoa e outro em primeira pessoa. A narrativa se fecha com a mesma voz que abriu as histórias, a da personagem Hema. O conto se passa em quatro lugares: nos Estados Unidos da América, na Itália, na Índia e na Tailândia. O foco central da história é a vida dos dois protagonistas anos depois de seu último contato. Na parte dedicada a Hema, a história começa com a volta dos pais dela para a Índia e a sua viagem para Roma. Um dos pontos marcantes dessa parte é a volta da personagem às suas raízes; uma prova disso é o seu casamento arranjado com Navin, um indiano não bengalês indicado pelos pais dela. No que diz respeito à parte que fala sobre Kaushik, há uma apresentação de sua vida, mostrando-o como um fotojornalista que viaja o mundo trabalhando. O ponto central dessa parte é o encontro de Kaushik e Hema em Roma e reaproximação de ambos. A presente história termina com o desfecho sobre a vida dos dois protagonistas: enquanto um morre, o outro segue a sua vida com a dor do luto.

Para esta análise, buscamos mostrar as relações familiares criadas pela personagem Hema, levando em conta a sua construção identitária. O presente estudo tem como foco principal uma leitura dessa protagonista na perspectiva da identidade cultural na pós-modernidade⁵, – sob a luz dos Estudos Culturais⁶ e dos Estudos Pós-coloniais⁷ – apontando como a personagem feminina mostra uma conformidade cultural ao final das três narrativas. Além disso, exploramos a ideia de pertencimento presente nas três histórias; assim sendo, investigaremos também o modo como a protagonista lida com os diferentes aspectos culturais que permeiam as narrativas.

2 Afetos e desafetos: Hema e as suas relações de parentesco

Ao lermos os contos que compõem essa segunda parte da narrativa, de Jhumpa Lahiri (1967), observamos que os personagens Hema e Kaushik têm uma relação forte entre si. Primeiro, essa relação acontece por eles terem passado boa parte de suas infâncias convivendo em um mesmo ambiente. Segundo, por suas famílias serem de bengaleses e, conseqüentemente, de uma mesma cultura (a cultura indiana). Terceiro, o modo como os dois lidam com a ligação afetiva deles – enquanto a personagem Hema constrói uma relação sentimental por Kaushik desde a sua infância, este último não demonstra nutrir nada tão forte por ela. Então, para se entender o processo de convivência entre eles, é necessário fazer uma análise do modo como cada personagem lida com os que estão a sua volta.

⁵ Para mais informações: HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*. / Stuart Hall; Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 11. ed. – Rio de Janeiro: DP & A, 2006.

⁶ Para mais informações: CEVASCO, Maria Elisa. *Literatura e Estudos Culturais*. In: BONNICI, Thomas & ZOLIN, Lúcia Osana (Org.). *Teoria Literária: abordagens e tendências contemporâneas*. 3ª edição (revisada e ampliada). Maringá: Eduem, 2009.

⁷ Para mais informações: BONNICI, Thomas. *Teoria e Crítica Pós-colonialistas*. In: BONNICI, Thomas & ZOLIN, Lúcia Osana (Org.). *Teoria Literária: abordagens e tendências contemporâneas*. 3ª edição (revisada e ampliada). Maringá: Eduem, 2009.

No que diz respeito às relações de afeto entre Hema e os seus pais, que aparecem frequentemente nos contos “Uma vez na vida” e “Em terra”, percebemos que ela mantém um vínculo que demonstra respeito e consideração por seus genitores. O respeito advém do modo como ela foi criada, segundo os costumes indianos/bengaleses.

Assim, o primeiro aspecto a ser analisado é o modo como os pais de Hema tentam preservar os costumes indianos em solo estrangeiro. Isso fica evidente quando percebemos que, dentro de casa, Hema convive com os costumes indianos e fora com os costumes norte-americanos. Ou seja, o interior do lar representa a Índia e o exterior representa o país estrangeiro. Agindo dessa maneira, os pais preservam as crenças e os costumes da cultura de origem da família, mas, ao mesmo tempo, Hema tem a chance de vivenciar a cultura americana. Desse modo, ela convive com o *hibridismo cultural*⁸.

O primeiro movimento híbrido acontece em relação a divisão do quarto entre pais e filha, quando a personagem protagonista relata que, apesar de ter o seu próprio quarto, teve que dormir com os pais por um determinado período:

[...] Minha mãe considerava a ideia de uma criança dormir sozinha **um hábito norte-americano cruel** e, portanto, não o incentivava, mesmo que tivéssemos espaço. Ela me disse que **havia dormido na cama de seus pais até o dia de se casar, e que isso era perfeitamente normal**. Mas eu sabia que não era normal, que não era o que os meus amigos da escola faziam, e que eles gozariam da minha cara se soubessem [...] (LAHIRI, 2009, p. 262, grifos nossos).

A protagonista destaca um incômodo em ter que dividir o mesmo espaço com os pais. Atendendo ao pedido de seus pais, ela mostra que, na cultura indiana, os filhos dormem com os seus genitores, mesmo que haja espaço suficiente em suas casas, e na cultura norte-americana os filhos dormem sozinhos em seus próprios quartos desde cedo. Do que é expresso nessa citação, observamos que a relação de Hema com os seus genitores é totalmente de acordo com o que impõe a cultura deles. Ou seja, ela aceita facilmente o que eles impõem. Ao longo da narrativa, vemos que ela mostra ter consciência de que pertence às duas culturas, e, assim, tenta manter um equilíbrio entre ambas, tanto para agradar os seus genitores, quanto para conseguir se ajustar ao contexto norte-americano. Isso se reflete novamente, quando ela se liga a Navin, uma vez que ela segue o que a cultura indiana lhe apresenta como o “certo” a se fazer, – que é concordar e pôr em prática os costumes com relação ao casamento.

⁸ *Hibridismo cultural*: “Algumas pessoas argumentam que o ‘hibridismo’ e o sincretismo – a fusão entre diferentes tradições culturais – são uma poderosa fonte criativa, produzindo novas formas de cultura, mais apropriadas à *modernidade tardia* que às *velhas e contestadas identidades do passado*. Outras, entretanto, argumentam que o *hibridismo*, com a indeterminação, a ‘*dupla consciência*’ e o relativismo que implica, também tem seus custos e perigos [...]. Ao defender seu romance, Rushdie apresentou uma defesa forte e irresistível do ‘hibridismo’: No centro do romance está um grupo de personagens, a maioria dos quais é constituída de muçulmanos britânicos, ou de pessoas não particularmente religiosas, de origem islâmica, lutando precisamente com o mesmo tipo de problemas que têm surgido em torno do livro, *problemas de hibridização e guetização, de reconciliar o velho com o novo* [...]” (HALL, 2006, p. 91 e 92, grifos nossos).

Ao analisarmos a narrativa de Lahiri (1967), percebemos que Hema é uma filha exemplar e obediente aos seus pais, ao contrário de Kaushik que, apesar de ser mais velho do que ela, não se comportava segundo as ordens de seus genitores. Apesar de conviver com o choque cultural, vemos que há características que identificam que a menina tem uma boa relação com os seus pais, e uma boa relação com os americanos, pois ela consegue manter um equilíbrio entre os costumes americanos e indianos, uma vez que ela lida com ambos.

No primeiro conto dessa sequência de narrativas, temos o vínculo que se forma entre Hema e Parul Di Mashi, a mãe de Kaushik. Assim, observamos que a mãe de Kaushik começa a se aproximar de Hema e, dessa maneira, ela consegue construir uma relação de afeto com a menina. Um exemplo dentro da narrativa que ilustra esse fato diz respeito ao momento em que as três – Hema, sua mãe Shibani e Parul Di – vão a uma seção de *lingerie* em uma loja no *shopping* e conversam sobre a fase de adolescência da protagonista. Vemos isso na passagem em que a voz narrativa de Hema confessa a Kaushik, no conto “Uma vez na vida”:

[...] Na seção de *lingerie*, foi de mim que a vendedora se aproximou. ‘Temos lindos modelos para adolescentes que acabaram de chegar’, disse ela à sua mãe, **pensando que eu fosse a sua filha**. ‘Ah, não, ela é novinha demais’, disse minha mãe. ‘Mas olha só que graça’, disse a sua, alisando o modelo que a vendedora lhe mostrava em um cabide, de renda branca com um botão de rosa no centro. Eu ainda não havia ficado menstruada e, ao contrário de muitas meninas da escola, ainda usava camisetinhas floridas como roupa de baixo. Fui conduzida até o provador, e sua mãe ficou assistindo com um ar de aprovação enquanto eu tirava o casaco e o suéter e experimentava o sutiã [...] (LAHIRI, 2009, p. 273, grifos nossos).

Ao analisarmos o trecho acima, percebemos que a mãe de Kaushik, Parul Di, apresenta uma atitude que normalmente as mães têm com as suas filhas, ou seja, ela faz o papel que a mãe de Hema faria futuramente. Assim sendo, vemos que, em partes, a mãe de Kaushik trata Hema como se fosse a sua filha, o que contribui para a construção de uma ligação entre ambas, mesmo que essa ligação não esteja explícita na narrativa. Além disso, outro momento que denuncia esse fato é quando Paul Di elogia Hema, considerando-a implicitamente como uma filha que ela nunca teve, quando ela contrasta o comportamento dela com o comportamento do seu filho Kaushik.

Após essa abertura da mãe de Kaushik com Hema, ao demonstrar um gesto de cuidado e carinho com ela, identificamos outro momento da narrativa que faz com que Hema seja, de maneira explícita, obrigada a criar um vínculo de cumplicidade com Parul Di Mashi. Isso ocorre quando Hema a flagra no banheiro fumando um cigarro. Ao ser flagrada, a mãe de Kaushik faz o seguinte comentário: “Um cigarro por dia não vai me matar, não é mesmo? [...]. **‘Esse vai ser o nosso segredinho, não é, Hema?’**, disse ela, menos em tom de pergunta do que de ordem, e foi embora fechando a porta atrás de si” (LAHIRI, 2009, p. 278 e 279, grifos nossos). Quando tomamos conhecimento de que Parul Di tem uma doença em estágio terminal, vemos que a sua fala faz uma relação entre o cigarro e o câncer que ela tem. Assim, da mesma forma que ela fuma um cigarro por dia, a doença a mata dia após dia. Diante do exposto, vemos

que Parul Di constrói, nem que seja em aspecto de cumplicidade, uma ligação com Hema, já que essa última passou a guardar um segredo que ninguém mais sabia.

Outro momento em que percebemos a estreita ligação entre Hema e Parul Di ocorre quando Kaushik conta sobre a doença da hóspede da família. O modo como Hema reage é significativo para compreender que há um laço entre ela e Parul Di:

[...] No início, as lágrimas caíram em silêncio, deslizando por meu rosto quase congelado, mas então comecei a soluçar, ficando feia na sua frente, com o nariz escorrendo por causa do frio, os olhos cada vez mais vermelhos. Fiquei ali em pé, com as mãos sob as maçãs do rosto para colher as lágrimas, **arrasada por você estar testemunhando uma cena tão lamentável** [...] (LAHIRI, 2009, p. 286, grifos nossos).

Diante de sua reação, percebemos que há uma relação de afeto entre ela e a mãe de Kaushik. Mais uma vez, Hema se liga à Parul Di Mashri através de um segredo que deve ser guardado pela jovem.

Além disso, no decorrer das demais narrativas, quando Hema já tem os seus trinta e sete anos, algumas relações de afeto que a protagonista construiu na sua infância e na vida adulta, – como é o caso da sua relação com Kaushik e Julian, respectivamente – serão rompidas na última narrativa por motivos de adequação ao contexto social, histórico e cultural que as raízes culturais de Hema a impõem.

Portanto, esse rompimento de laços afetivos entre Hema e os demais personagens diz respeito a uma simbologia de perda e morte identificada ao longo das três narrativas – por características simbólicas preluídas (como acontece no caso de Hema), ou pela própria morte como acontecimento adicionado aos papéis exercidos pelos personagens (como é o caso da morte da mãe de Kaushik e a desse último), dando uma carga de significação no desenvolvimento dos três enredos. No caso de Hema, a carga simbólica da morte está atrelada às partes da sua vida, como sua profissão, seus relacionamentos amorosos e, principalmente, à cultura dos seus pais:

Sua carreira profissional tem a ver com **duas civilizações mortas**, a Romana e a Etrusca. Seu **relacionamento amoroso** com Julian é também **morto**, quando não lhe garante um futuro porque ele é casado. Os sentimentos de Hema em relação ao casamento dela com Navin explicam isso como um **'casamento morto'** (LAHIRI, 2009, 301). A Índia é considerada pelos pais de Hema como uma **forma idealizada, fixada no tempo, isto é, morta também**, pela sua **ligação diaspórica** com a cultura Bengali (GÁMEZ-FERNÁNDEZ, 2016, p. 60, grifos nossos, tradução nossa⁹).

⁹ Texto original: “Her professional career has to do with **two dead civilizations**, Roman and Etruscan. Her **love relationship** with Julian is also **dead**, as it bears no future because he is married. Hema’s feelings toward her marriage to Navin account for it as a **‘dead marriage’** (LAHIRI, 2009, 301). India is regarded by Hema’s parents in an **idealized way, fixed in time, that is, dead too, by their diasporic attachment** to Bengali culture” (GÁMEZ-FERNÁNDEZ, 2016, p. 60, griffons made by us).

Conforme o exposto na citação acima, conseguimos identificar a simbologia da morte em partes da vida de Hema. Primeiro, a sua carreira profissional remete-se a uma ligação com o passado, além disso, com uma cultura morta, o que a permite estar em contato com algo que tanto não faz parte do seu presente, quanto é algo místico e supersticioso que faz parte de uma civilização arcaica e inexistente. Segundo, o relacionamento dela com o homem norte-americano casado (Julian) não lhe fornece nenhuma segurança de futuro, ou seja, é algo que não lhe beneficiará nos termos em que ela almeja uma estabilidade futura. Ele seria um pretendente do qual os seus pais não agradariam, tanto por ele não ter ligação com a cultura indiana/bengalesa, quanto por ele encontrar-se em outro casamento, o que estaria em desacordo com os preceitos da cultura dos pais de Hema.

Terceiro, o fato de seu relacionamento com Navin não se configurar da mesma forma como era com Julian, ou Kaushik, faz do casamento dela apresentar uma certa frieza, quando Navin “admitiu para ela que já tinha tido amantes no passado, **mas era antiquado quando se tratava de uma futura esposa**. E ser tratada como uma adolescente aos trinta e sete anos a sensibilizou” (LAHIRI, 2009, p. 339, grifos nossos), o que contribuiu para que Hema não construísse uma ligação de afeto com Navin, assim como ela construiu com Julian e Kaushik, mesmo esses não conseguindo construir um futuro estável com ela. Por último, o aspecto que se apresenta como o mais significativo dentro das narrativas – considerado o mais perceptível e que permeia o foco narrativo – diz respeito à ligação de Hema com a cultura dos pais. Para um sujeito americanizado como ela, a cultura bengalesa realmente apresenta-se como algo que faz parte do seu passado, remetendo-se, dessa forma, a algo que já está morto e esquecido. Ela não a utiliza como cultura primordial dentro dos Estados Unidos, mesmo que, ao final, ela opte por preservar a cultura indiana/bengalesa.

Além de todos esses elementos que a simbologia da perda e morte elenca sobre o destino de Hema, o último elemento que está ligado aos prelúdios identificados nas narrativas diz respeito à morte de Kaushik no final do conto “Em terra”. Assim, após a morte dele, Hema é sobrecarregada de um sentimento de perda em dobro, pois, antes da morte de Kaushik, ela já tinha consciência de que o tinha perdido, por ela ter negado o seu convite de irem para Hong Kong e construírem uma nova vida juntos. Ademais, o luto que é transferido de Kaushik para Hema, ocasionado pela perda do primeiro, contribui para que ela conviva com um constante sentimento de introspecção, refletindo, dessa forma, no casamento morto e frio entre ela e Navin. Em outras palavras, inocentemente, Hema não percebe que, durante toda a sua vida – desde o retorno de Kaushik para a Índia, durante a sua infância – até a morte do protagonista masculino, é caracterizada por uma série de perdas. Dentre elas, a mais significativa consiste na morte de Kaushik, o que representa a perda não somente de um amor de adolescência, mas também de um antigo desejo seu de uma vida futura ao lado dele.

3 A busca por identidade, pertencimento e conformidade cultural

A busca por identidade dos personagens de Lahiri (1967) se apresenta como um elemento visível ao longo de suas narrativas, uma vez que as suas criaturas fictícias

vivem em constante busca por pertencimento, à procura de um solo para fincar raízes. Isso fica evidente na escolha do título do livro *Terra Descansada (Unaccostumed Earth)* e na opção de epígrafe¹⁰. Levando isso em consideração, a busca de Hema por sua identidade torna-se um elemento marcante de seu comportamento ainda no primeiro conto, quando vemos que a roupa que ela usa, que era de Kaushik, apresenta-se como um elemento simbólico na afirmação de sua identidade imposta pela cultura de seus genitores. Sobre esse ponto, temos a seguinte afirmação:

Como **a roupa torna-se simbólico de sua identidade**, Hema é forçada por seus pais a vestir **uma camada de roupa, ou identidade**, que Hema está ansiosa para mudar. O casaco de segunda mão de Kaushik aqui representa uma forma comunal de viver, um **'Indianismo'**, que é incomum para os amigos americanos dela [...]. Ela percebe, ainda quando criança, que ela não apenas se destaca entre sua cultura americana, mas também é uma menina desajustada entre as outras garotas da classe por não estar de acordo com **as expectativas de gênero** de usar um casaco roxo. Subsequentemente, uma nova Hema é vista por ser **imprensada entre expectativas e valores de duas culturas** e é incapaz de se encaixar perfeitamente nelas (RAHMAN, 2017, p. 04, grifos nossos, tradução nossa¹¹).

Srijoni Rahman (2017) afirma que os costumes da cultura indiana são impostos sob a protagonista, uma vez que a personagem nasceu nos Estados Unidos, mas foi educada de acordo com ambas as culturas. A roupa de segunda mão que é imposta a Hema representa, desse modo, a imposição de uma cultura não americana que os seus progenitores lançam sobre ela. Dessa forma, mesmo frequentando uma escola americana, Hema se diferencia das outras meninas pela vestimenta, caracterizando-a, dessa maneira, como um sujeito híbrido. O hibridismo de Hema ilustra os conflitos e o seu anseio por se ajustar em alguma das duas culturas.

Apesar de Hema ser de segunda geração, ou seja, filha de imigrantes indianos/bengaleses, ela também sofre a pressão por seus pais a respeito de outra cultura. Em suma, quando ainda criança, na primeira narrativa, percebemos que ela se sente deslocada a respeito dos costumes de ambas as culturas que ela tem que conciliar

¹⁰ "A natureza humana não irá vingar, não mais do que uma batata, se for plantada e replantada no mesmo solo exausto durante uma sequência demasiado longa de gerações. Meus filhos nasceram em outros lugares, e, até onde eu puder controlar seus destinos, irão fincar raízes em terras descansada. – Nathaniel Hawthorne, 'The Custom-House'" (LAHIRI, 2009). Para mais informações: LAHIRI, Jhumpa. *Terra Descansada: contos / Jhumpa Lahiri*; tradução Fernanda Abreu. – São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

¹¹ Texto original: "As **clothing becomes symbolic of one's identity**, Hema is being forced by her parents to do **a layer of clothing, or identity**, that Hema is eager to shed. Kaushik's second-hand coat here represents a communal way of living, an **'Idianness'** that is uncommon for her American friends [...]. She realizes, even as a child, that she not only stands out amongst her American culture but is also a misfit amongst other girls in the class by not conforming **to the gender expectations** of wearing a purple coat. Subsequently, a young Hema is seen to be **sandwiched between the expectations and values of two cultures** and is unable to fit perfectly into either" (RAHMAN, 2017, p. 04, griffons made by us).

no seu cotidiano, optando, frequentemente, por vivenciar a cultura norte-americana fora de seu lar. Mas, com o passar do tempo, vemos que ela sempre tenta estar em negociação e se ajustar à ambas as culturas. Um exemplo disso, já na última narrativa, refere-se ao casamento arranjado pelos seus pais, para que ela se case com um pretendente indiano.

Destarte, no que tange à pluralidade e às camadas de identidade impostas à protagonista, podemos compreender as atitudes da personagem quando pensamos sobre a afirmação de Stuart Hall (2006), quando ele diz que:

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que **os sistemas de significação e representação cultural** se multiplicam, somos confrontados por **uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis**, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (HALL, 2006, p. 13, grifos nossos).

De acordo com Stuart Hall (2006), a identidade está em constante transformação, desconstrução e construção à medida que o indivíduo é submetido às mudanças socioculturais, ou seja, à medida que o sujeito convive com outras representações culturais. Desse modo, tal sujeito passa a ter uma identidade plural, muitas vezes multifacetada. No caso de Hema, conseguimos identificar que há uma pluralidade em sua identidade, uma vez que a personagem consegue conviver de acordo com os costumes de duas culturas, assim como, manter um equilíbrio entre ambas, mesmo apresentando a **“crise de identidade”** ocasionada pela **“fragmentação e pluralização de identidades”** ao longo do processo que a globalização da sociedade pós-moderna tem enfrentado (HALL, 2006, p. 09, grifos nossos).

No conto “Em Terra”, a história inicia-se com a volta dos pais de Hema à Índia e com a viagem dela a Roma, Itália. Com isso, vemos que Hema tenta ao máximo fugir, pelo menos por um tempo, de sua realidade, que é casar-se com Navin, o noivo que foi escolhido por seus pais, para tentar refletir sobre sua condição e buscar o seu “eu” em um lugar que não tenha ligação nenhuma com as raízes culturais de seus progenitores:

Mais uma vez ela tinha mentido sobre o que a trouxera à Roma. Naquele outono, uma bolsa de estudos a havia dispensado em lecionar em Wellesley. **Mas Hema não estava na Itália por nenhum motivo oficial, apenas para aproveitar o apartamento vazio de uma colega no Guetto.** Tinha inventado algo que soava impressionante: palestras como professora visitante em um instituto de estudos clássicos, e nem Navin nem os pais tinham questionado. [...] e em outubro, Hema empacotara o laptop e algumas roupas e atravessara o oceano de avião para uma licença sabática improvisada. **Um pouco antes do Natal, iria para Calcutá, para onde seus pais haviam retornado depois de uma vida inteira em Massachussets e onde, em janeiro, se casaria com Navin** (LAHIRI, 2009, p. 336, grifos nossos).

No que concerne o trecho acima, vemos que Hema inventa uma desculpa para poder viajar antes do seu casamento. Conseguimos, no entanto, identificar a

necessidade de Hema de se distanciar um pouco da vida que leva e do futuro que a espera. Com relação ao futuro, percebe-se que o casamento com Navin indica um retorno às raízes de sua família indiana, depois de ter passado uma vida inteira nos Estados Unidos. Essa viagem a proporciona, mesmo que por um curto período de tempo, um momento para pensar cautelosamente sobre o seu passado, o presente e o seu futuro. Sobre este ponto, Yun Ling (2014) apresenta a seguinte afirmação: “Como uma mulher jovem, Hema se sente muito solitária porque ela é **uma Índio-americana de segunda geração** que sofre de **uma crise de identidade**. Ela não quer pensar nela mesma como **uma Indiana**, então ela quer se casar com um marido americano” (LING, 2014, p. 143, grifos nossos, tradução nossa¹²). Em contraste, apesar de apresentar-se nessa última história como uma mulher independente e americanizada, Hema decide retornar às origens da família, casando-se com um pretendente escolhido pelos seus pais e submetendo-se aos costumes e raízes de uma cultura que se apresenta como primordial no seu desenvolvimento sociocultural.

Assim, Roma torna-se o lugar preferido de Hema. Primeiro, por ser um local onde ela realiza maior parte de sua pesquisa. Fazendo isso, ela volta a um passado morto na cultura italiana, em contraste com a cultura viva da cidade em que ela está:

Ela é uma pessoa retrospectiva vivendo no passado. Ela é uma acadêmica que estuda os Etruscos, um povo morto em Roma. Ela ama Kaushik por causa de um passado compartilhado. Mas, seu último romance em Roma faz Hema ter **uma epifania**. Ela sabe que eles nunca retornarão ao passado (LING, 2014, p. 143, grifos nossos, tradução nossa¹³).

Dessa maneira, essa ligação com o passado mostra que ela não consegue se socializar com o presente, pois ela não cria vínculos com as pessoas a sua volta, come sempre no mesmo lugar e se liga a um homem que traz associação com sua vida nos Estados Unidos. Em segundo lugar, Roma oferece à personagem um espaço sem ligação com sua vivência familiar e amorosa, uma vez que as figuras dos pais estão distantes e seu relacionamento com Julian foi desfeito. Por último, esse espaço proporciona o reencontro entre ela e sua paixão platônica de adolescência.

Desse modo, esse novo espaço da narrativa permite que a personagem possa repensar os seus diversos estágios temporais. Essa leitura é reforçada quando Rahman (2017) afirma o seguinte, sobre esta narrativa de Jhumpa Lahiri (2009):

Roma, no entanto, representa um espaço onde **o passado, o presente, e o futuro** de Hema e Kaushik se colidem. Não é a sua **‘pátria’**, nem a pátria onde eles

¹² Texto original: “As a young woman Hema always feels very lonely because she is a **second-generation Indian American** who suffers from **an identity crisis**. She doesn’t want to think herself as **an Indian** so she wants to marry an American husband” (LING, 2014, p. 143, griffons made by us).

¹³ Texto original: “**She is a retrospective person living in the past**. She is a scholar who studies Etruscans, a dead people in Rome. She loves Kaushik because of their shared past. But their last romance in Rome makes Hema gets **an epiphany**. She knows that they will never return to the past” (LING, 2014, p. 143, griffons made by us).

criaram, e assim, Hema encontra o poder no terceiro espaço por estar livre de expectativas. [...] Ela é capaz de sentir-se confortável com a sua **identidade rizomática interna** sem sentir a pressão de pertencer a nenhuma parte da árvore **daquelas casas do rizoma**. Além disso, no terceiro espaço, ela também é capaz de conectar-se com o seu passado por juntar-se com Kaushik e recuperar a sua sexualidade [...] (RAHMAN, 2017, p. 09 e 10, grifos nossos, tradução nossa¹⁴).

Levando em consideração a leitura de Rahman (2017), Roma representa um porto para Hema, pois é para lá que ela foge para poder refletir sobre o seu futuro. É na Itália que Hema sente-se livre das amarras e imposições de sua família a respeito da sua cultura e o seu possível futuro com Navin.

O modo como a protagonista feminina encara as possibilidades de futuro, casar ou continuar solteira, espelha um pouco a sua vivência entre duas culturas. Como é algo mais comum para a cultura dos pais dela a necessidade de um casamento, Hema, ao escolher se ligar a Navin, opta, mesmo que de forma involuntária, pelo que é bem visto culturalmente pelo país de origem de sua família. Assim, essa escolha demonstra que ela procura se moldar a uma identidade que lhe oferece mais segurança segundo os padrões indianos. Esse comportamento dela se assemelha ao que Stuart Hall (2006) afirma:

O **'ressurgimento da etnia'**... traz para a linha de frente o florescimento não-antecipado de **lealdades étnicas** no interior das minorias nacionais. Da mesma forma, ele coloca em questão aquilo que parece ser a causa profunda do fenômeno: a crescente separação entre **o pertencimento ao corpo político e o pertencimento étnico (ou mais geralmente, a conformidade cultural)** que elimina grande parte da atração original do **programa de assimilação cultural**... A etnia tem se tornado muitas das categorias, símbolos ou totens, em torno dos quais comunidades flexíveis e livres de sanção são formadas e em relação às quais identidades individuais são construídas e afirmadas [...] (HALL, 2006, p. 96, grifos nossos).

Do que aponta a citação acima, podemos afirmar que conseguimos identificar nas atitudes de Hema uma conformidade cultural no que concerne a sua aceitação do que é imposto pela cultura de seus pais. Assim, "Ela [Hema] percebeu a importância de manter um equilíbrio entre **o seu passado e o seu presente, a sua tradição e o seu**

¹⁴ Texto original: "Rome, therefore, presents a space where Hema and Kausik's **past, present and future** collide. It is neither their **'motherland'** nor the one where they grow up, and, thus, Hema finds power in the third space by being free from expectations [...]. She is able to be comfortable with her **internal, rhizomatic identity** without feeling the pressure of the tree **that houses the rhizome**. Furthermore, in this third space she is able to connect with her past by coming together with Kaushik and reclaiming her sexuality [...]" (RAHMAN, 2017, p. 09 and 10, griffons made by us).

futuro” (LING, 2014, p. 143, acréscimo nosso, grifos nossos, tradução nossa¹⁵). Dessa maneira, os personagens de primeira geração apresentam-se como diaspóricos, enquanto os de segunda geração configuram-se como híbridos, por, além de preservarem os costumes de suas raízes, conseguem manter um equilíbrio com a nova pátria.

Assim sendo, a respeito de manter as tradições culturais de seus pais e estar em negociação com ambas as culturas, sempre tentando se ajustar ao contexto social, histórico-cultural no qual o sujeito está inserido e é submetido a manter uma vida social estável, Rahman (2017) afirma:

Ao contrário de Kaushik, Hema é incapaz de vagar pelo mundo, deixar os seus pais e ser sexualmente independente. Vivendo em **diáspora**, Hema torna-se detentora de **tradições e cultura**, com os seus pais na expectativa de ela preservar **os seus valores culturais**. **Sua vida profissional, não é dada muito crédito, mas sua vida sexual é altamente controlada [...]. Enquanto sua educação é irrelevante, suas perspectivas de casamento, sexualidade e relacionamentos são de extremo interesse, como o seu último papel que é o de uma esposa, e não de uma acadêmica**. Sendo uma filha zelosa, Hema preserva as suas tradições Bengalesas na superfície, escondendo seu caso tórrido de dez anos com um professor universitário casado, Julian (298) (RAHMAN, 2017, p. 08 e 09, grifos nossos, tradução nossa¹⁶).

Conforme o trecho acima, Rahman (2017) nos revela um contraste entre os dois protagonistas da sequência de contos que estamos analisando aqui. Assim, ao comparar o desenvolvimento desses personagens ao longo das três histórias, percebemos que, ao contrário de Kaushik, Hema opta por não viver no nomadismo que Kaushik adota, consequência do constructo pessoal do personagem masculino. Enquanto Hema foi instruída desde cedo a preservar os costumes da cultura dos seus progenitores, Kaushik foi instruído a seguir os costumes da cultura do país adotivo de seus genitores, os EUA. Mas, ao analisarmos com mais vagar a citação acima, vemos que Rahman (2017) nos mostra diversos aspectos da cultura indiana/bengalesa que contrastam com os costumes da cultura ocidental. Portanto, o elemento que mais chama a nossa atenção diz respeito a configuração dos papéis de gêneros masculino e feminino dentro da cultura oriental.

¹⁵ Texto original: “She [Hema] has realized the importance to keep a balance between **her past and present, tradition and future**” (LING, 2014, p. 143, addition made by us, griffons made by us).

¹⁶ Texto original: “Contrary to Kaushik, Hema is unable to wander the world, leave her parents and be sexually independent. Living in the **diáspora**, Hema becomes the bearer of **traditions and culture**, with her parents expecting her uphold **their culture values**. **Her professional life is not given much credit, but her sexuality is highly controlled**. [...] **While her education is irrelevant, her marriage prospects, sexuality and relationships are of extreme interest role is that of a wife and not a scholar**. Being a dutiful daughter, Hema upholds her Bengali traditions on the surface by hiding ten-year torrid affair with a married professor, Julian (298)” (RAHMAN, 2017, p. 08 and 09, griffons made by us).

Dessarte, ao contrário do que acontece com Kaushik, a vida sexual e os relacionamentos amorosos de Hema são controlados por seus pais, o que configura o papel atribuído à mulher dentro da cultura oriental, pondo-a em uma posição de submissão. Por mais que Hema fuja – como o seu relacionamento secreto com um americano, o que aparenta estar totalmente em desacordo com o que rege os costumes e preceitos da cultura indiana –, dos padrões impostos pela cultura bengalesa ao papel da mulher na sociedade oriental, a protagonista acaba submetendo-se ao desejo de seus pais, mesmo que isso custe a sua felicidade. Desse modo, Hema é forçada a trilhar o caminho que os seus progenitores decidiram, o que a deixa presa e limitada. Essa imposição cultural por parte da experiência dos seus pais ainda vai fazer Hema sentir medo de tornar-se uma mulher sozinha. Aos trinta e sete anos de idade, ela nutre o desejo de almejar uma estabilidade futura, mesmo que esse desejo de um futuro seguro consista em um casamento arranjado e sem nenhum laço afetivo comparado com os que ela construiu com Julian e Kaushik.

Portanto, no final do conto “Em Terra”, vemos que Hema decide submeter-se às imposições da cultura indiana, que concerne, nesse caso em específico, ao casamento arranjado. Um dos motivos de sua submissão, no entanto, consiste no fato de que a protagonista é mulher, e, na cultura indiana, percebemos uma diferença cultural de direitos entre os gêneros masculino e feminino, mostrando que as mulheres não têm tantas opções, ou até mesmo não têm a liberdade de escolher o seu futuro, o que geralmente não acontece com os homens indianos. Dessa maneira, chegamos à conclusão de que, apesar de Hema apresentar-se como uma personagem híbrida, ela acaba seguindo o que a cultura de seus pais a impõe. Ou seja, ela acaba casando-se com Navin (seu futuro), pois ele a oferece perspectiva de uma vida futura estável e enraizada, enquanto com Julian (o seu passado) ou Kaushik (o seu presente), ela não poderia ter a mesma perspectiva de acomodação, enraizamento e conformidade cultural.

4 Considerações finais

Com a expansão dos Estudos Culturais depois dos anos de 1950, houve uma proliferação dos estudos entre Cultura e Sociedade na América e na Europa. Desse modo, “Literatura e Sociedade” tornou-se uma das correntes críticas mais estudadas, no que concerne à Teoria e Crítica Literária mundial nos dias atuais. Isso, de certo modo, colaborou para dar visibilidade àqueles que compõem a margem. Assim, falar sobre a condição do indivíduo na Pós-modernidade tornou-se um dos temas mais chamativos diante da crise de identidade que o sujeito tem passado na contemporaneidade. Portanto, em consequência dos avanços nos Estudos Culturais, tem-se dado maior visibilidade ao cânone literário que compõe a Literatura Pós-colonial. Essa última vem dar voz a escritores e escritoras que trazem, em suas narrativas, problemas enfrentados pelas minorias: os pobres, os negros, os homossexuais, os indígenas, as mulheres e os estrangeiros, tendo esse último grupo que se adequar ao contexto social, histórico, político e cultural do país que eles tomam como sua pátria adotiva.

Desse modo, Nilanjana Sudeshna Lahiri (1967), uma escritora de origem inglesa, radicada nos Estados Unidos e filha de pais indianos/bengaleses, vem trazer, em seu livro *Terra Descansada – Unaccustomed Earth* (2009), contos que falam sobre a vida de personagens frutos da cultura indiana e da cultura ocidental. Para aqueles que são da primeira geração, eles vivem uma adequação ao país adotivo. A maioria deles consegue se ajustar ao contexto sociocultural da sua segunda pátria, tentando fazer com que os seus filhos preservem as tradições e heranças indianas/bengalesas. A segunda geração, já nascida em solo americano, opta por um dos seguintes processos de adequação cultural: ater-se à cultura natal dos pais; abandoná-la por completo; ou mesclá-la aos elementos culturais do país ocidental (CUSTÓDIO, 2013, p. 51). A maioria desses filhos de indianos opta por mesclar elementos da cultura de seu país de origem (EUA) e elementos da cultura do país de origem de seus pais (Índia). Em alguns casos, isso faz com que esses indivíduos passem por um processo de deslocamento ou descentralização de suas identidades.

Da análise feita, percebemos, com relação à Hema, que, ao contrário de Kaushik, ela consegue manter um equilíbrio entre as culturas norte-americana e indiana, assim como se ajustar e integrar-se a ambas no final da narrativa. Entendemos também que, assim como Kaushik, ela também passa por uma crise de identidade na busca de ajustamento a ambos os constructos socioculturais. Ademais, um aspecto que contribuiu para o desenvolvimento pessoal da protagonista e que colaborou para a definição de sua identidade diz respeito aos seus relacionamentos amorosos. Assim, a negociação com o seu passado (Julian) e com o seu presente (Kaushik) fez com que definisse o seu futuro (Navin).

Outro elemento contrastante entre ambos os protagonistas diz respeito ao fato de Hema não ter total escolha sobre o seu futuro, ligando-se a um casamento como forma de se ajustar culturalmente. De modo inverso, Kaushik tem liberdade para escolher e seguir a vida que ele desejar. Mesmo que isso não fique tão explícito na narrativa, a condição de gendrada (o fato de ser mulher) força Hema a trilhar o caminho que os seus genitores decidiram, o que a deixa presa e limitada ao papel de esposa.

Diante do exposto, percebemos que Hema vive em uma negociação entre culturas, quando ela opta por mesclar elementos da cultura dos seus pais com elementos da cultura dos americanos. Ademais, em um momento do primeiro conto, vemos que os pais de Hema a obriga a vestir roupas indianas, o que dentro do contexto da narrativa, nos indica que a menina é pressionada a adotar uma nova identidade, a identidade que se remete à cultura de seus pais, apresentando-a como uma personagem com identidade híbrida. A crise de identidade e a busca por pertencimento se apresenta para Hema no momento quando ela foge para Roma, na tentativa de decidir sobre o que será do seu futuro.

Além disso, com base nas nossas interpretações e de acordo com o posicionamento da protagonista, percebemos que ela tenta encontrar a si mesma, além de refletir sobre a que cultura ou a que lugar ela pertence. Nesse momento, Hema não é americana ou descendente de indianos; ela é apenas uma mulher beirando os quarenta anos de idade e indecisa sobre casar-se com Navin, para satisfazer a vontade dos pais e almejar estabilidade, ou se permanece solteira. Ao final, ela se remete à primeira opção,

volta aos Estados Unidos casada com Navin e acaba se apresentando como o que Stuart Hall (2006) chama de “**conformidade cultural**” (HALL, 2006, p. 96, grifos nossos).

Em conclusão, vemos que, além de Hema apresentar uma identidade híbrida, ela mantém um equilíbrio entre a cultura americana e a cultura dos seus pais. Embora ela tenha optado por se submeter à cultura dos seus genitores, e com isso casar-se com um pretendente indiano escolhido por eles, a protagonista parece conseguir lidar com as divergências existentes entre as duas culturas que reconfiguram o seu constructo social, histórico e cultural, além de ajustar-se a ambas as culturas como uma forma de conciliação entre os costumes do oriente e os do ocidente.

Referências

BONNICI, Thomas. Teoria e Crítica Pós-colonialistas. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (org.). *Teoria Literária: abordagens e tendências contemporâneas*. 3. ed. rev. ampl. Maringá: Eduem, 2009. p. 223-239.

BUSTAMANTE, Sofia; RAMOS, Carlos. Biografia de Jhumpa Lahiri (1967). In: BUSTAMANTE, Sofia; RAMOS Carlos. *Blog Biografias*. 2015. Disponível em: <http://eltriumfodearciniegas.blogspot.com/2015/12/jhumpa-lahiri.html>. Acesso em: 13 ago. 2018.

CARREIRA, Shirley de Souza Gomes; SIMÕES, Jailson Baldez. “Identidade e tradição: a representação da mulher migrante em ‘A Doçura do Mundo’, de Thrity Umrigar, e ‘Terra Descansada’, de Jhumpa Lahiri”. *Alumni*, Revista discente da UNIABEU. Rio de Janeiro, v. 04, n.º 08, p. 53 a 63, 2016. Disponível em: <https://revista.uniabeu.edu.br/index.php/alu/article/view/2537/1779>. Acesso em: 23 set. 2018.

CARREIRA, Shirley de Souza Gomes. *Travessias: estudos de literatura e imigração / Shirley de Souza Gomes Carreira et al.; Revisão: Shirley Carreira – Belford Roxo: UNIABEU*, 2015. Disponível em: <https://www.uniabeu.edu.br/labmemi/wp-content/uploads/2014/02/Travessias-estudos-de-literatura-e-imigra%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 24 set. 2018.

CASTILHO, Iago Figueiredo. “Bildungsroman (Romance de Formação)”. In: CASTILHO, Iago Figueiredo. James Joyce (1882-1941). Foi um escritor irlandês expatriado. É amplamente considerado um dos autores de maior relevância do século XX. *Blog SlidePlayer*. 2016. Disponível em: <https://slideplayer.com.br/slide/10336657/>. Acesso em: 29 set. 2018.

CEVASCO, Maria Elisa. Literatura e Estudos Culturais. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (org.). *Teoria Literária: abordagens e tendências contemporâneas*. 3. ed. ver. ampl. Maringá: Eduem, 2009. p. 319-325.

CUSTÓDIO, Fábio da Silva. “A fragmentação do Eu e a Construção de Novas Identidades em Contos de Jhumpa Lahiri”. *Alumni*, Revista discente da UNIABEU. Rio de Janeiro, v. 01, n.º 01, p. 47 a 56, 2013. Disponível em: <https://revista.uniabeu.edu.br/index.php/alu/article/view/1081/873>. Acesso em: 1º out. 2018.

CUSTÓDIO, Fábio da Silva. “Segurança versus Liberdade: a tensão que constrói, desconstrói e destrói a identidade, nas obras de Arundhati Roy e Jhumpa Lahiri”. *Alumni*, Revista discente da UNIABEU. Rio de Janeiro, v. 02, n.º 04, p. 41 a 50, 2014. Disponível em: <https://revista.uniabeu.edu.br/index.php/alu/article/view/1759/1205>. Acesso em: 3 out. 2018.

EDITORS, Biography. Jhumpa Lahiri Biography. In: *Biography.com Editors. The Biography.com website*, 2014. Disponível em: <https://www.biography.com/writer/jhumpa-lahiri>. Acesso em: 9 out. 2018.

GÁMEZ-FERNÁNDEZ, Cristina M. “Delusion and defeat in the short-story sequence ‘Hema and Kaushik’ from Jhumpa Lahiri’s *Unaccustomed Earth*”. *Routledge Taylor & Francis Group. South Asian Diaspora. Department of English and German. Córdoba*, v. 08, n.º 01, p. 49-62, 2016.

HAI, Abreem. “Re-rooting families: the alter/natal as the central dynamic of the Jhumpa Lahiri’s *Unaccustomed Earth*”. *Naming Jhumpa Lahiri: Canons and Controversies. Short Story Criticism. Gale, a Cengage Company. Farmington Hills*, v. 251, p. 264-278, 2012.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*. / Stuart Hall; Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 11. ed. – Rio de Janeiro: DP & A, 2006.

LAHIRI, Jhumpa. *Terra Descansada: contos* / Jhumpa Lahiri; tradução Fernanda Abreu. – São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

LING, Yun. “Diasporic Trauma in Unaccustomed Earth”. *CS Canada, Cross-Cultural Communication. School of Foreign Languages, Beijing Institute of Technology. Beijing*, v. 10, n.º 02, p. 141-144, 2014.

MANGUEIRA, José Vilian. “(Des)enraizando: ligações familiares em ‘Terra Descansada’, de Jhumpa Lahiri”. In: LINS, Juarez Nogueira; NÓBREGA, Paulo Vinícius; MANGUEIRA, José Vilian. *Língua, Literatura e Ensino: linguagens e diálogos*, João Pessoa: Ideia, 2019. p. 53-73.

PONTES, Francisco Edinaldo de; MANGUEIRA, José Vilian. “Laços de Família: relações familiares e de pertencimento nos três contos de ‘Parte II – Hema e Kaushik’, de *Terra Descansada*, de Jhumpa Lahiri”. In: ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA. *Anais do XXVI Encontro de Iniciação Científica: desafios e perspectivas da*

pesquisa técnico-científica na contemporaneidade, 22 a 24 de outubro de 2019 /
organização Maria José Lima da Silva *et al.* Campina Grande, PB, 2020. p. 670.
Disponível em: <http://congresso.uepb.edu.br/pibic/e-books/>. Acesso em: 8 março 2020.

RAHMAN, Srijoni. "From Roots to Rhizomes: Hybrid, Diasporic Identities in Hema
and Kaushik". *York Centre for Asian Research. New Voices in Asian Research*. York
University. Toronto, v. 01, n.º 02, p. 1-13, 2017.

SCHNEIDER, Liane. "Interpretando os males com Jhumpa Lahiri". *In: HARRIS, Leila
Assumpção (org.) A voz e o olhar do outro: volume IV*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2012.
p. 62-1. Disponível em: <http://www.pgletras.uerj.br/vozhlaroutro/volume004/a05.pdf>.
Acesso em: 12 out. 2018.

TEIXEIRA, Anna Carolina Maia. "'Travessia' e 'Uma Vez na vida': uma busca pela
identidade e pelo pertencimento". *Alumni*, Revista discente da UNIABEU. Rio de
Janeiro, v. 01, n.º 01, p. 01 a 08, 2013. Disponível em:
<https://revista.uniabeu.edu.br/index.php/alu/article/view/1052/1106>. Acesso em: 15 out.
2018.